

APRESENTAÇÃO

Jailma dos Santos Pedreira Moreira (UNEB)

Este volume da revista Pontos de Interrogação procura trazer para a cena e debate modos de fazer uma ciência menor e rizomática. Desta maneira, acolhemos a multiplicidade do olhar crítico e dos seus jeitos de driblar, burlar, desconstruir modelos científicos positivistas, abrindo, com isso, novos ares e perspectivas para um trabalho científico de resistência, além de comprometido com a mediação das lutas minoritárias contra toda e qualquer forma de dominação. Nesse sentido, as reflexões aqui transcritas irão perpassar campos científicos, gêneros textuais, instituições como a literária e a social, teorias, matrizes culturais, denotando tanto um olhar para o que ficou à margem como para a força da linguagem, instituindo e prescrevendo sentidos e modos de operar, assim como desnaturalizando, historicizando a produção de discursos e seus mecanismos de regulação e exclusão.

Já no primeiro texto, *A escrita de si de sujeitos femininos e sua diferença cultural*, Gislene Alves da Silva e Jailma dos Santos Pedreira Moreira fazem uma reflexão acerca da escrita de si produzida por mulheres, pensando, sobretudo, nas escritas memorialistas. Neste contexto, acabam pondo em xeque uma ciência maior da literatura que não considerava no seu campo de estudos textos que tanto tratavam do privado e do cotidiano como eram produzidos por mulheres. Nessa linha, portanto, a reflexão ainda encena como a autobiografia foi um lugar de vozes femininas, nos inquietando sobre suas possíveis singularidades. Dessa forma, ao discutir sobre diferença cultural, configurando a escrita feminina como um texto vivo, consideram a intertextualidade, retomando o rizomático, desconstruindo origens e verdades, restituindo as diversas batalhas do có digo, ao mesmo tempo que propõem tanto a textualização do feminino, alerta aos mecanismos de controle, como apontam novas formas de lidar com o texto literário, bem como com esse texto vivo. Assim, tratam da apropriação da escrita por sujeitos femininos que têm implicado em mudanças nestes sujeitos, na literatura e na cultura.

Já José Carlos Felix, no texto *A teoria contemporânea do cinema*, promove uma discussão sobre esta teoria diante do fenômeno pós-estruturalista também denominado de Teoria. Parte de uma problematização das grandes correntes que moldaram o pensamento teórico sobre o cinema ao longo do século XX e que vem implicando, muito pela reverberação de suas temáticas, em duas correntes de pensamento sobre o cinema após 1970: a teoria

de posição subjetiva e o culturalismo. Assim, buscando ver diferenças, avanços e impasses entre as duas primeiras tradições e os estudos atuais, no intento de observar o movimento teórico-científico no campo de estudos que se firmou como do Cinema, o texto de Félix nos lança provocações sobre a teoria contemporânea deste campo. Para tanto debruça-se sobre obras significativas, sobre a corrente subjetivista e a culturalista destes engendramentos teóricos para reclamar, nestes moldes de análise, uma diferença que não nos faça sentir o sabor de algo requentado ou ainda lidar somente, referindo-se mais especificamente aos estudos realizados, por exemplo, no Brasil, com a importação de conhecimento. A inquietação do pesquisador se acentua para com as formulações rasas, o saber ainda enciclopédico na listagem de filmes e, acima de tudo, para com o uso da teoria somente como aplicação.

No que diz respeito ao texto *Aproximações entre o texto falado e o texto escrito (literário): a construção da oralidade em “Coração de Mãe” de Rubem Braga*, Carolina dos Santos Rocha e Maria José Gordo Palo tratam da proximidade entre o texto oral e o escrito, partindo da análise de uma crônica do escritor Rubem Braga. Nesse sentido, adotando o princípio do *continuum* entre o texto falado e o texto escrito, se colocam contra a pureza, seja do oral, seja do escrito, mapeando marcas da oralidade no escrito, ou seja, observando, numa linha rizomática, elementos linguísticos comuns aos dois gêneros. Com isso, acabam pondo em questão uma percepção científica tradicional que somente separava dicotomicamente o texto oral do escrito. A eleição do jogo linguístico, da crônica, para tanto, também é significativa, visto que a crônica, por exemplo, configurada, por vezes, como “conversa fiada” ou tendo no seu traço formador o flagrante do cotidiano, nos traduz também, no seu emaranhado do oral com o escrito, não só a composição complexa da linguagem poética mas os pormenores nem sempre considerados por um olhar científico macro/universal, indiferente a vida em singularidade e “insignificância”.

Em *Experiência identitária trans e inteligibilidade social em A confissão*, de Bernardo Santareno, Marcio Ricardo Coelho Muniz e Solange S. Santana tratam de questões de gênero, identidade e inteligibilidade social, tomando como objeto de estudo o texto dramático *A confissão*, de Bernardo Santareno. Dessa forma, os autores buscam refletir a respeito do texto dramático de Santareno e de sua personagem Françoise, como aquela que vai subverter princípios da matriz cultural heteronormativa, pelo desejo de usar

seu corpo e viver sua sexualidade com autonomia, contrapondo-se ao sistema binário em sua rigidez e essencialização. A noção de identidade também é complexificada e, por extensão, seus limites, inclusive a partir das intersecções contíguas e conflitantes entre travestilidade e transexualidade. A reflexão dos autores ainda nos leva a pensar em modos de saber, disseminados em lugares-instituições diversas, como a igreja e a escola, que funcionam como dispositivos regulatórios, repetindo uma normatização discursiva.

No texto *(In)Felicidade na publicidade e a crença do “Ser Feliz”: colunas femininas de Clarice Lispector*, Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira, com base nos estudos de gênero e nos estudos feministas, apresenta-nos uma discussão a respeito das colunas jornalísticas produzidas por Clarice Lispector e a representação da identidade feminina nestas, considerando um ideal de felicidade. Nesse movimento de Níncia Teixeira, destacamos a importância que atribui ao processo de representação como construção de sentidos e não um reflexo da realidade, ao discurso como prática social e ao papel da mídia nesse jogo ideológico que não é imanente, pois envolve a produção, a circulação e o consumo. Além de dar destaque à imprensa feminina e às ciladas da imagem da mulher no texto escrito, chama-nos a atenção o olhar arguto da autora às entrelinhas de Clarice, que não são apagadas ou recobertas de um mistério indecifrável, fazendo ressoar suas estratégias de dizer e desdizer, sua trapaça na língua e no baile de máscaras da vida.

Em *Ritual sagrado: a dança em Martha Graham e Pina Bausch*, Rogério P. dos Santos, Regina S. Mello e Thais Amaral efetivam, contra uma naturalização, uma historicização, sob perspectiva determinada, da dança, mostrando-nos esta não só como expressão, mas também ela em si se constituindo como narrativa. Entretanto, para além de uma narrativa, os autores nos apontam o descobrimento do corpo. Assim, ao refletirem sobre, de certa forma, a ressignificação da dança, ampliando os limites do corpo da arte, acabam pondo em questão um estatuto científico sobre a arte, sobre a dança, que se disseminou como universal.

No texto *Um olhar foucaultiano sobre a produção de discursos na construção do corpo heteronormativo*, Herlan José da Silva Smith e Rachel de Oliveira Abreu, valendo-se da abordagem teórica de Michel Foucault sobre posições discursivas, refletem sobre a produção de discursos na construção do corpo heteronormativo, considerando os mecanismos de regulação e exclusão internos a uma ordem discursiva. Nesse sentido, nos levam a refletir sobre

como as práticas de poder não existem separadas da formação de saberes, sobre o controle dos corpos discursivos em nossa sociedade, portanto sobre como a forma de fazer ciência, uma agência intelectual, desconstruindo, como fazem os autores, uma noção de discurso e de subjetividade, pode ressignificar um saber que domina, abrindo outras linhas discursivas para um corpo.

Em entrevista, intitulada *Produção cultural e autorrepresentação*, Paula Ferreira da Silva, com seu foco direcionado para o minoritário, abre espaço para uma conversa com Léo Lima, educador, fotógrafo e trabalhador cultural da comunidade de Jacarezinho, periferia do Rio de Janeiro. Nesta, portanto, Léo fala, impulsionado por Paula Silva, de seus modos de produção, de suas estratégias em prol do fortalecimento de memórias locais, do empoderamento coletivo, de uma transformação social a partir do olhar sobre a realidade que se vive.

Neste volume trazemos ainda duas resenhas. A primeira, feita por Silvana Lianda, Tássia Borges e Jailma Pedreira, trata do livro de Jacques Derrida, intitulado *Essa estranha instituição chamada literatura*. Nesta destacamos o caráter pensante, frisado pelas autoras, da literatura, ajudando a rever delimitações institucionais. A literatura, portanto, se expandindo, para ser pensada na sua íntima relação com a filosofia, deslocando, desse processo, a metafísica e reforçando a linguagem, a literatura como arma discursiva, política, cultural, subjetiva.

A segunda resenha, de Francine Rocha, é feita sobre o livro *Quinhentos anos de solidão: ensaios sobre as desigualdades raciais no Brasil*, de Marcelo Paixão, economista, professor da UFRJ. O título já aponta a homenagem que o autor faz para a literatura da América Latina, e, utilizando-se do discurso como arma, busca não se prender a um resgate histórico, mas acima de tudo verificar as condições desiguais, de desamparo, e portanto, de solidão, que ainda marcam os aliados dos processos de controle e distribuição do poder e da riqueza. Ressaltando uma vigilância epistemológica, um confronto teórico, uma explanação de dados estatísticos e da construção destes, no tratamento de questões que versam sobre as relações raciais no Brasil, ou seja, sobre as condições de vida dos distintos grupos de cor ou raça no país, a autora nos instiga para esta leitura, assim como nós instigamos vocês, leitores, para o debate deste volume, para questões que dizem do jogo prático-discursivo, da recriação científica e da vida, dos modos de dizer e ser.

A todos, uma ótima leitura!